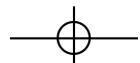


A mulher que virou tatu

Yuxabu yaixni



edição brasileira© Hedra 2022
organização Eliane Camargo
ilustração© Anita Ekman

edição consultada Transcrição feita por Capistrano de Abreu

coordenação da coleção Luísa Valentini
edição Jorge Sallum
coedição Suzana Salama
assistência editorial Paulo Henrique Pompermaier
revisão Renier Silva
capa Lucas Kroeff

ISBN 978-65-89705-72-7

conselho editorial Adriano Scatolin,
Antonio Valverde,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Ricardo Valle,
Tales Ab'Saber,
Tâmis Parron

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.*

*Direitos reservados em língua
portuguesa somente para o Brasil*

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

A mulher que virou tatu

Yuxabu yaixni

Eliane Camargo (*organização*)

Anita Ekman (*ilustração*)

2^a edição

hedra

São Paulo 2022



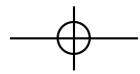
A mulher que virou tatu é uma história originalmente registrada no início do século xx, pelo historiador João Capistrano de Abreu. A língua hoje não é mais escrita do modo como Capistrano a registrou, portanto esta edição é atualizada — além de bilíngue e ilustrada. Fala de dois alimentos que os Caxinauá plantam: o milho, mais apreciado e de cultivo mais difícil, e a batata doce, mais rápido e simples. Na história, a família de uma velha lhe dá batata doce por dar menos trabalho de produzir, já que os idosos Caxinauá não trabalham e sua alimentação deve ser garantida pelos parentes.

Eliane Camargo é etnolinguista. É doutora em Linguística Descritiva pela Universidade de Paris (Sorbonne) e estuda a língua e cultura de três grupos indígenas, os Caxinauá, os Aparai e os Wayana. Coordenou, entre 2006 e 2011, a divisão etnolinguística do projeto de documentação franco-alemão da cultura e língua Caxinauá do DOBES.

Anita Ekman é artista visual, *performer* e ilustradora que trabalha com as artes ameríndias e afro-brasileiras. Como especialista em arte indígena, trabalhou na formação da coleção *Great Masters of Popular Art in Ibero-America*, do Banamex Cultural Fund.

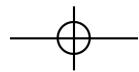
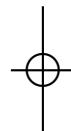
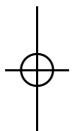
Capistrano de Abreu (1953–1927) foi historiador, mas produziu também dentro dos campos da etnografia e linguística. Em 1914 registrou, pela primeira vez, a língua e o modo de vida Caxinauá junto a dois jovens provenientes do povo, do rio Ibuaçu. Esse trabalho deu origem ao livro *Hantxa huni kuin*, sobre a língua dos Caxinauá do rio Ibuaçu, afluente do Muru.

Mundo Indígena reúne materiais produzidos com pensadores de diferentes povos indígenas e pessoas que pesquisam, trabalham ou lutam pela garantia de seus direitos. Os livros foram feitos para serem utilizados pelas comunidades envolvidas na sua produção, e por isso uma parte significativa das obras é bilíngue. Esperamos divulgar a imensa diversidade linguística dos povos indígenas no Brasil, que compreende mais de 150 línguas pertencentes a mais de trinta famílias linguísticas.



Sumário

Apresentação	11
Como foi feito este livro	13
Para ler as palavras caxinauá.....	15
A MULHER QUE VIROU TATU.	17



Apresentação

Esta história fala de dois alimentos que os Caxinauá cultivam em seus roçados, o milho e a batata doce. A batata doce é uma raiz tuberosa e de fácil cultivo: plantando uma só vez é possível colher muitas vezes, pela propagação de suas ramas. Já o cultivo do milho é mais trabalhoso: a cada vez que se colhe, é preciso esperar a época de plantio para plantar as sementes, que leva cerca de seis meses para colher novamente. Os Caxinauás apreciam e consomem mais o milho, mas também plantam a batata doce, por crescer rápido e dar pouco trabalho.

Os idosos caxinauá não trabalham no roçado; sua alimentação deve ser garantida pelos seus genros e por sua família em geral. Na história, a família da velha lhe dá batata doce por dar menos trabalho de produzir.

Ao comer o milho verde, que é mais macio, a família, sobretudo o genro, reclama por ela não deixar o milho amadurecer, o que a deixa triste e a leva a querer virar tatu.

QUEM SÃO OS CAXINAUÁ

A família linguística pano é composta por cerca de trinta grupos, espalhados em uma vasta região transfronteiriça entre a Bolívia, o Brasil e o Peru.

Os quase oito mil Caxinauá fazem parte desta família, ocupando a fronteira entre o Brasil e o Peru. No Brasil, eles vivem em 12 terras indígenas e, no Peru, eles ocupam todo o rio Curanja e uma parte do rio Purus – da cidade de Puerto Esperanza até a embocadura do rio Curanja.

No Peru, e na região do rio Purus, no Peru e no Brasil, as mulheres e crianças falam apenas a língua caxinauá. Nas demais regiões elas já são bilíngues e, em alguns locais, monolíngues em português.

Todas as comunidades têm escola formal, onde são somente alfabetizados em caxinauá. O restante do ensino é ministrado em espanhol, no Peru, e em português, no Brasil. O material escolar em língua caxinauá é escasso no Peru, e corrente no Brasil.

Como foi feito este livro

No início do século xx, o historiador João Capistrano de Abreu trabalhou com dois jovens caxinauás provenientes do rio Ibuaçu, afluente do rio Muru, por sua vez afluente do rio Tarauacá, na bacia do rio Juruá, no estado do Acre.

Com a venda de borracha de sua região, estes jovens foram levados para Manaus. Lá eles conheceram Luís Sombra, amigo de Capistrano de Abreu, que os encaminhou ao historiador, cada um de uma vez, para o Rio de Janeiro, onde ficaram na casa de Capistrano e trabalharam com ele no registro da sua língua e de seu modo de vida.

Esse trabalho deu origem ao livro *Hantxa huni kuin, a língua dos caxinauás do rio Ibuaçu, afluente do muru* (prefeitura de Tarauacá). O livro foi publicado pela primeira vez em 1914.

Hoje em dia, a língua caxinauá não é escrita do modo que Capistrano a registrou, e os próprios caxinauá não conseguem ler esses relatos de cem anos atrás. Além disso, a língua ainda não era muito estudada, então a tradução proposta por Capistrano era muito entrecortada e inicial.

Pensando que essas histórias poderiam ser lidas hoje em uma forma mais acessível tanto aos caxinauá quanto aos falantes de português, a linguista Eliane Camargo, que trabalha com eles desde 1987, resolveu revisar o livro e refazer a tradução, dentro do programa de documentação de cultura e língua caxinauá, DOBES, financiado pela Fundação Volkswagen.

Esta história é uma parte dessa versão revisada por Eliane, que consideramos ser interessante para crianças e para adultos e, por isso, publicamos neste livrinho. Uma parte dos direitos autorais recebidos com a publicação do livro será destinada à realização de oficinas de língua e cultura onde os caxinauá continuarão pensando novos modos de escrever e apresentar sua língua e sua cultura em suas próprias escolas e para pessoas de outros lugares.

Para ler as palavras caxinauá

A língua caxinauá apresenta quatro vogais — *a, e, i, u* — e catorze consoantes — *b, d, h, k, m, n, p, s, x, t, ts, tx, w, y*. Notem que a ordem do *x* na sequência do alfabeto muda; ele aparece logo após o *s*.

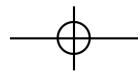
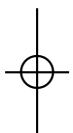
Nesta língua há três sons não existentes em português:

- ▷ A vogal *e* que é um *schwa*, ou seja, um *e* pronunciado com a língua plana e o som sai de trás. Este som é comum em inglês, em francês e em muitas línguas da amazônia;
- ▷ A consoante *ts* requer uma pronúncia em um só som, *t + s*;
- ▷ A consoante *x* é uma retroflexa, isto é, a massa da língua vai para trás e a ponta dela toca ligeiramente o palato. Este som é comum em chinês;
- ▷ Sequência consonântica *t + x (tch)* é comum em espanhol, grafado *ch*.

As palavras dissilábicas são muito comuns:

- ▷ *Baka*, como em *peixe*;
- ▷ *Hiwe*, como em *casa*;
- ▷ *Kene*, como em *grafismo*;
- ▷ *Tapu*, como em *jirau, ponte*.

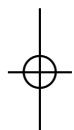
Mas há palavras de uma só sílaba: *hi*, “árvore”; ou de mais sílabas: *taka-da*, “galinha”; *bepukudu*, “borboleta”.



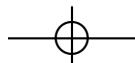
A mulher que virou tatu



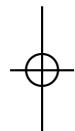
QUANDO a família se reunia,
só se comia batata doce.
Faziam roçado e plantavam batata
doce. Só davam batata doce
bichada para a velha comer. É o
que davam à velha. Ela vivia com
a família.



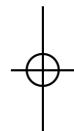
KADI besti pikin, itxa wani
kiaki. Bai wakin hawen ni
katsidan, kadi banaaki. Xena besti
pimiski hawen pitimaken.
Yuxabudan eskani kiaki. Hawen
nabube hiwea.



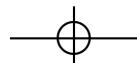


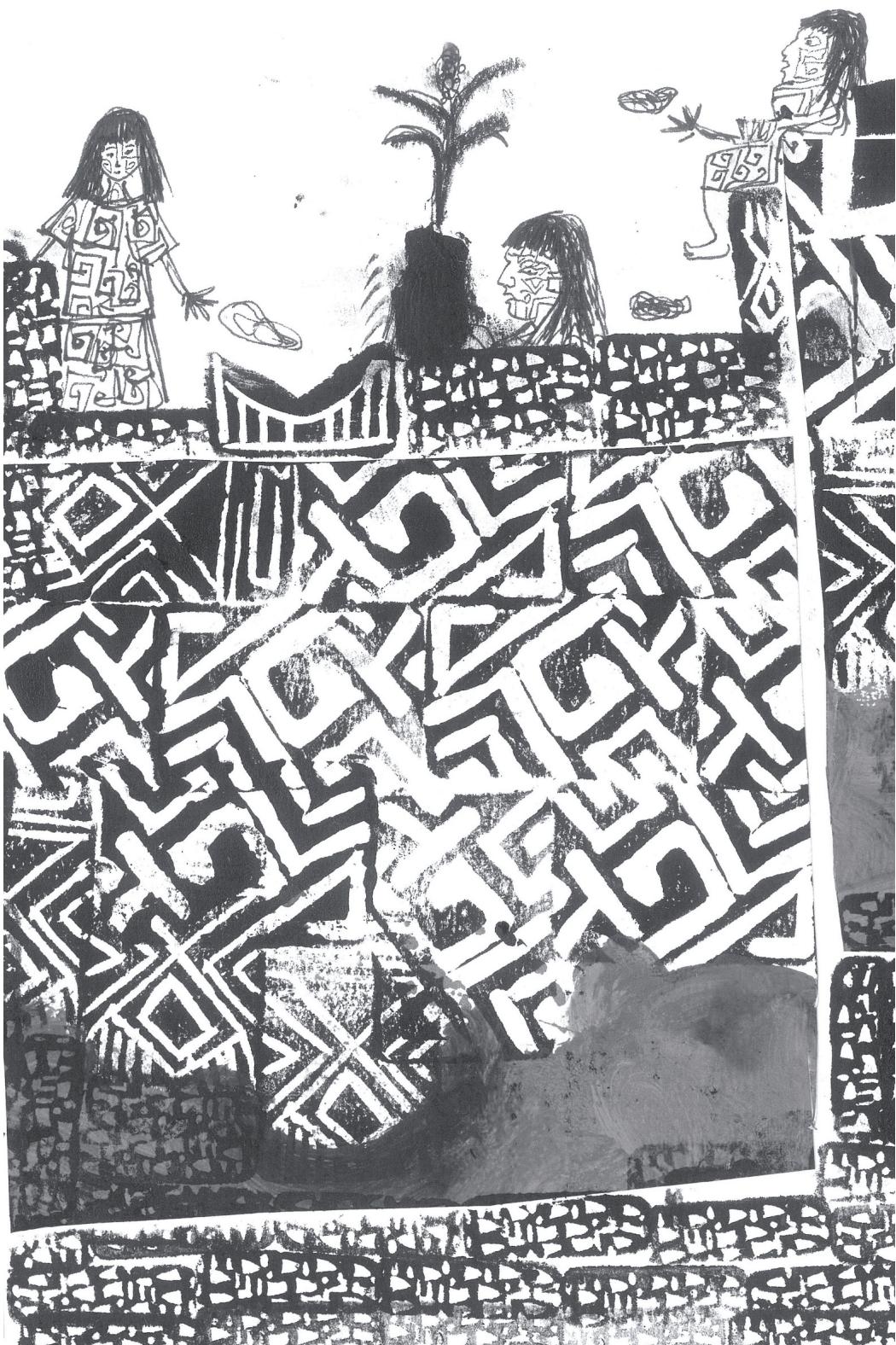


A FAMÍLIA dela fazia roçado e tinha um milharal. A velha desdentada não podia comer milho seco.



H AWEN nabu bai waxun, xeki banaimabu. Yuxabudan xeta uma, haska waxun piti, kuxi pitima.





QUANDO a velha vivia com a família, desperdiçava-se muito milho verde. Ela queria virar tatu, pois não podia comer o milho verde, visto que a família lhe dizia:

— Ô, velha, você só fica comendo o nosso milho verde. Ela respondia:

— Como só milho verde, por não poder comer milho seco. Não tenho dente. A mulher respondeu isso e ficou pensando no que a família lhe disse.

HAWEN nabube hiwea, mawa xeki pati txakaaya. Yuxabudan yaix katsidan eskani kiaki. Haska waxun, pitima, xeki patxi besti piaya, hawen nabun itxaa:

— Yuxabun, min en xeki patxi besti piai, aka. Yuxabu yuikin:

— En haska waxun piti kuxi pitima. En xeta uma, en xeta umabin. Ainbun yuia, ainbu ninkaxun.





E NTÃO ela foi sozinha mata adentro e, ao voltar, à tardezinha, disse à sua filha:

— Filha, eu vou virar tatu. Sou desdentada e por isso não posso comer milho verde. Vou embora.

A filha respondeu-lhe:

— Mamãe, é por isso que você não pode comer?

— Minha filha, é. É por isso que não posso comer, respondeu-lhe.

A filha replicou:

— Mamãe, então coma só milho verde!

H ANUNKAIN, yuxabu ni medan ha mesti kaa, badi kaaya huxun, hawen bake yuia:

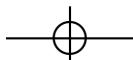
— En bake, eadan en yaixi kaai.

En xeta uma. Haska waxun, piti kuxi pitima, en ikai, aka. Hawen bake yuikin:

— En ewan, min haska waxun pitimamen, aka. En bake, en haska waxun, pitimabin, aka.

Hawen bake yuia:

— Ewan, xeki patxi besti piwe, aka.

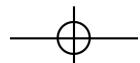






A VELHA só comia milho verde por não poder comer milho seco, que é duro. Quando acabou o milho verde do roçado deles, os homens estavam zangados e lhe disseram:
— Velha, você acabou com o nosso roçado de milho verde.

Y UXABUN xeki patxi besti piaya. Haska waxun, piti kuxi pitima. Hatun bai xeki patxi keyun waaya, hunibun sinaxun, yuxabu yuikin:
— Yuxabun, min en xeki patxi bai keyuna, aka.

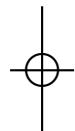




E LA lhes respondeu:
— É por não poder comer milho seco. Sou desdentada. Por sinal, minha filha me disse:
— Mamãe, coma milho verde!.
E respondi:
— Vou comer, sim. Assim disse a velha. Mas os homens retrucaram-lhe:
— Pare de comer o nosso milho!

Y UXABU yuikin:
— En haska waxun, piti kuxi pitima, en ikai, aka. Eadan, en xeta umabin, aka. Habia en baken:
— Xeki patxi piwe, ewan, yui. En piai, aka. Yuxabun haska waa.
Hunibun yuxabu yuikin:
— En xeki ea keyunyamawe, aka.



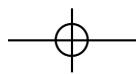
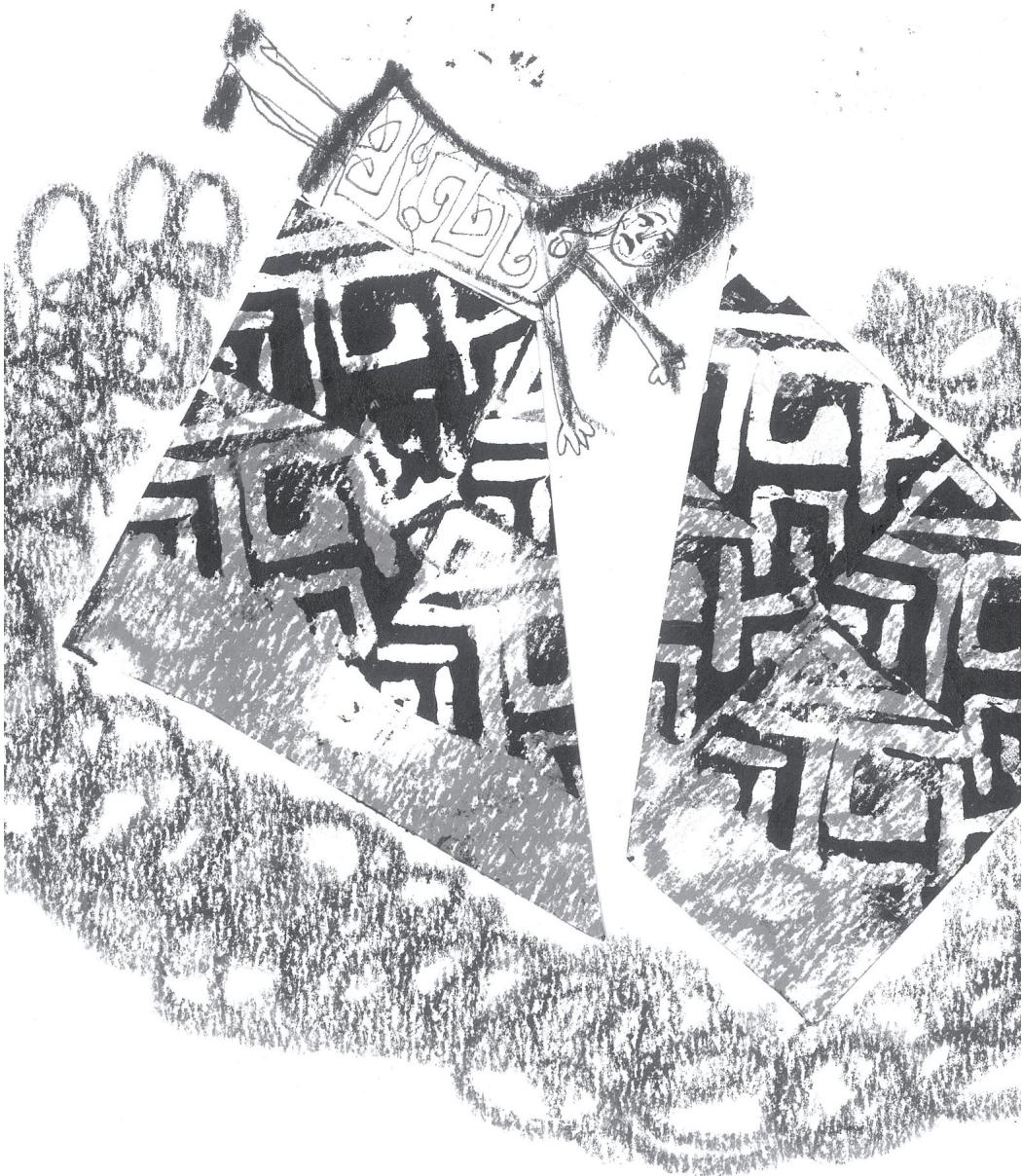


Não podendo mais comer milho verde, a velha chorou e quis virar tatu. Foi sozinha para o mato e cavou um buraco.



YUXABU haska waa, ana hawa pitima, kaxaaya. Yuxabu yaixi ka katsi eskani kiaki. Ha mesti ni medan kaxun, kini waaya.





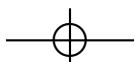


Um homem que havia
ido caçar a viu cavando o
buraco, aproximou-se dela e lhe
perguntou:

— Ei, velha, por que você está
cavando um buraco?
— É porque não posso comer
milho seco. Só posso comer milho
verde. Mas como esculhamaram
comigo, vim cavar um buraco
para ser tatu, respondeu.
O homem a escutou e ficou
pensativo, chorando tristemente.

HUNI piaya kaxun, yuxabun
kini waa, betxia, hunin
yuxabu yukaa:

— Yuxabun, min hawa katsi kini
waa? aka.
— En haska waxun, piti kuxi
pitima, xeki patxi besti en piaya,
ea itxabu, huxun, en kini waai
yaix katsidan, aka.
Hunin ninkaa, hawen dabanen iki,
kaxaaya.

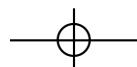






Ao regressar,
pergunto à família dela:
— Por que vocês esculhamaram
com a velha?
— Esculhambei porque ela só
comia o milho verde do meu
roçado. Eu a insultei e ela foi
embora.
— A velha foi para lá cavar buraco,
eu a vi. Ela quer virar tatu — disse
o caçador.

HASKA wabidani,
hukidan, hawen nabu yuia:
— En nabun, mi hawa katsi
yuxabu itxa kamen, aka.
— Habia en xeki patxi ea pianaya,
en itxaa, kaaki, aka.
— Yuxabudan uani kini waai, en
uinbidanxuki, yaix katsidan, aka.





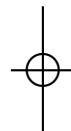


O CAÇADOR disse ao seu filho que estava chorando:
— A velha que vocês
esculhambaram já virou tatu. Ela
já tem rabo, casco nas costas,
casco na cabeça. Virou todinha
tatu. A velha sente falta do filho.
Vou buscá-lo, disse a si mesma.
Chamou por ele, gritando *ruu*,
fazendo barulho de tatu.

H AWEN bake yuia, kaxaaya.
— Yuxabu ma yaixa.
Hanunkain, hinayatan,
pexakayatan, nuxakayatan,
buxakayatan. Haska wakin, keyua.
Yuxabu hawen bake manui:
En bake itannun ika. Huu aka.



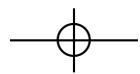




O SEU filho pequeno sentia falta da mãe, e chorava sem parar. Ele andava sozinho, chorando, de um lado para o outro. A velha ouviu o choro e pensou:
— O meu filho está chorando, vouvê-lo. Voltou à aldeia paravê-lo; lá estava ele sentado, chorando. Quando viu o tatu, alegrou-se, e o tatu lhe disse:
— Meu filho, eu vou te levar.

H AWEN
bake hawen ibu manui,
kaxawankainkainaya. Hawen
bake, ha mesti bai tanai,
kaxakukuaya. Yuxabu kaxai
ninkaa:
— En bake kaxaai, uintannun, ika.
Huaya, bake pixta kaxai, tsauken,
bake pixta yaix betxia, benimaaya.
Yaixin bake pixta yuikin:
— En bake, en mia yuai, aka.





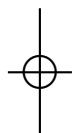
A CRIANÇA que estava sentada ficou contente. Então a velha levou o menino para morar dentro do buraco. Ela lhe fez o rabo, o casco das costas, o casco da cabeça. E a criança ficou feliz. A velha havia feito a mesma coisa para virar tatu.

B AKE pixta benimaai, tsauken. Hanunkain, yuxabun bake pixta hawen hiwe medan yukin. Bake pixta hina waxun, pexaka waxun, buxaka waxun. Haska waxun, bake pixta benimani kiaki. Yuxabudan eskani kiaki, yaix katsidan.





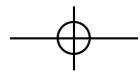
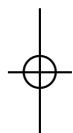
A HISTÓRIA diz que quem domesticou a batata doce para podermos comer foi o tatu, e quando não tinha batata doce para comer, o tatu comia minhoca. Foi assim que a velha fez para virar tatu, transformou o corpo e passou a comer batata doce e, quando não tinha, comia minhoca.



K ADI bikindan, yaixin bini kiaki. Kadimakendan yaixdan xena besti pimis kiaki. Yuxabudan eskani kiaki, yaix katsidan. Hatixunki, yamaki





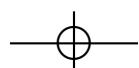


COLEÇÃO «BOLSO»

1. *Don Juan*, Molière
2. *Contos indianos*, Mallarmé
3. *Triunfos*, Petrarca
4. *O retrato de Dorian Gray*, Wilde
5. *A história trágica do Doutor Fausto*, Marlowe
6. *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe
7. *Dos novos sistemas na arte*, Malievitch
8. *Metamorfoses*, Ovídio
9. *Micromegas e outros contos*, Voltaire
10. *O sobrinho de Rameau*, Diderot
11. *Carta sobre a tolerância*, Locke
12. *Discursos ímpios*, Sade
13. *O príncipe*, Maquiavel
14. *Dao De Jing*, Lao Zi
15. *O fim do ciúme e outros contos*, Proust
16. *Pequenos poemas em prosa*, Baudelaire
17. *Fé e saber*, Hegel
18. *Joana d'Arc*, Michelet
19. *Livro dos mandamentos: 248 preceitos positivos*, Maimônides
20. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*, Emma Goldman
21. *Eu acuso!*, Zola | *O processo do capitão Dreyfus*, Rui Barbosa
22. *Apologia de Galileu*, Campanella
23. *Sobre verdade e mentira*, Nietzsche
24. *O princípio anarquista e outros ensaios*, Kropotkin
25. *Os sovietes traídos pelos bolcheviques*, Rocker
26. *Poemas*, Byron
27. *Sonetas*, Shakespeare
28. *A vida é sonho*, Calderón
29. *Escritos revolucionários*, Malatesta
30. *Sagas*, Strindberg
31. *O mundo ou tratado da luz*, Descartes
32. *Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas*, Góngora
33. *A vénus das peles*, Sacher-Masoch
34. *Escritos sobre arte*, Baudelaire
35. *Cântico dos cânticos*, [Salomão]
36. *Americanismo e fordismo*, Gramsci
37. *O princípio do Estado e outros ensaios*, Bakunin
38. *Balada dos enforcados e outros poemas*, Villon
39. *Sátiras, fábulas, aforismos e profecias*, Da Vinci
40. *O cego e outros contos*, D.H. Lawrence
41. *História da anarquia* (vol. 1), Max Nettlau
42. *Imitação de Cristo*, Tomás de Kempis
43. *O casamento do Céu e do Inferno*, Blake
44. *Flossie, a Vénus de quinze anos*, [Swinburne]
45. *Telêny, ou o reverso da medalha*, [Wilde et al.]
46. *A filosofia na era trágica dos gregos*, Nietzsche
47. *No coração das trevas*, Conrad
48. *Viagem sentimental*, Sterne
49. *Arcana Cœlestia e Apocalipsis revelata*, Swedenborg



50. *Saga dos Volsungos*, Anônimo do séc. XIII
51. *Um anarquista e outros contos*, Conrad
52. *A monadologia e outros textos*, Leibniz
53. *Cultura estética e liberdade*, Schiller
54. *Poesia basca: das origens à Guerra Civil*
55. *Poesia catalã: das origens à Guerra Civil*
56. *Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil*
57. *Poesia galega: das origens à Guerra Civil*
58. *O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio*, E.T.A. Hoffmann
59. *Entre camponezes*, Malatesta
60. *O Rabi de Bacherach*, Heine
61. *Um gato indiscreto e outros contos*, Saki
62. *Viagem em volta do meu quarto*, Xavier de Maistre
63. *Hawthorne e seus musgos*, Melville
64. *A metamorfose*, Kafka
65. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*, Shelley
66. *Feitiço de amor e outros contos*, Ludwig Tieck
67. *O corno de si próprio e outros contos*, Sade
68. *Investigação sobre o entendimento humano*, Hume
69. *Sobre os sonhos e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
70. *Sobre a filosofia e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
71. *Sobre a amizade e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
72. *A voz dos botequins e outros poemas*, Verlaine
73. *Gente de Hemsö*, Strindberg
74. *Senhorita Júlia e outras peças*, Strindberg
75. *Correspondência*, Goethe | Schiller
76. *Poemas da cabana montanhosa*, Saigyō
77. *Autobiografia de uma pulga*, [Stanislas de Rhodes]
78. *A volta do parafuso*, Henry James
79. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*, Keats
80. *Carmilla — A vampira de Karnstein*, Sheridan Le Fanu
81. *Pensamento político de Maquiavel*, Fichte
82. *Inferno*, Strindberg
83. *Contos clássicos de vampiro*, Byron, Stoker e outros
84. *O primeiro Hamlet*, Shakespeare
85. *Noites egípcias e outros contos*, Púchkin
86. *Jerusalém*, Blake
87. *As bacantes*, Eurípides
88. *Emilia Galotti*, Lessing
89. *Viagem aos Estados Unidos*, Tocqueville
90. *Émile e Sophie ou os solitários*, Rousseau
91. *A fábrica de robôs*, Karel Tchápek
92. *Sobre a filosofia e seu método — Parerga e paralipomena (v. II, t. I)*, Schopenhauer
93. *O novo Epicuro: as delícias do sexo*, Edward Sellon
94. *Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875*, Bakunin



95. *Sobre a liberdade*, Mill
96. *A velha Izerguil e outros contos*, Górkí
97. *Pequeno-burgueses*, Górkí
98. *Primeiro livro dos Amores*, Ovídio
99. *Educação e sociologia*, Durkheim
100. *A nostálgica e outros contos*, Papadiamântis
101. *Lisístrata*, Aristófanes
102. *A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias*, Marcel Schwob
103. *O livro de Monelle*, Marcel Schwob
104. *A última folha e outros contos*, O. Henry
105. *Romanceiro cigano*, Lorca
106. *Sobre o riso e a loucura*, [Hipócrates]
107. *Anarquia pela educação*, Élisée Reclus
108. *Ernestine ou o nascimento do amor*, Stendhal
109. *Odisseia*, Homero
110. *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, Stevenson
111. *História da anarquia* (vol. 2), Max Nettlau
112. *Sobre a ética – Parerga e paralipomena* (v. II, t. II), Schopenhauer
113. *Contos de amor, de loucura e de morte*, Horacio Quiroga
114. *A arte da guerra*, Maquiavel
115. *Elogio da loucura*, Erasmo de Rotterdam
116. *Oliver Twist*, Charles Dickens
117. *O ladrão honesto e outros contos*, Dostoiévski
118. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, Nietzsche
119. *Édipo Rei*, Sófocles
120. *Fedro*, Platão
121. *A conjuração de Catilina*, Salústio

COLEÇÃO «HEDRA EDIÇÕES»

1. *A metamorfose*, Kafka
2. *O príncipe: bilíngue*, Maquiavel
3. *Hino a Afrodite e outros poemas: bilíngue*, Safo de Lesbos
4. *Jazz rural*, Mário de Andrade
5. *O chamado de Cthulhu*, H. P. Lovecraft
6. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, Friederich Engels
7. *Hino a Afrodite e outros poemas*, Safo de Lesbos
8. *Præterita*, John Ruskin
9. *Manifesto comunista*, Marx e Engels
10. *Rashômon e outros contos*, Akutagawa
11. *Memórias do subsolo*, Dostoiévski
12. *Teogonia*, Hesiódio
13. *Trabalhos e dias*, Hesiódio

COLEÇÃO «METABIBLIOTECA»

1. *O desertor*, Silva Alvarenga

2. *Tratado descriptivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa
3. *Teatro de êxtase*, Pessoa
4. *Oração aos moços*, Rui Barbosa
5. *A pele do lobo e outras peças*, Artur Azevedo
6. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Fernão Cardim
7. *O Ateneu*, Raul Pompeia
8. *História da província Santa Cruz*, Gandavo
9. *Cartas a favor da escravidão*, Alencar
10. *Pai contra mãe e outros contos*, Machado de Assis
11. *Iracema*, Alencar
12. *Auto da barca do Inferno*, Gil Vicente
13. *Poemas completos de Alberto Caeiro*, Pessoa
14. *A cidade e as serras*, Eça
15. *Mensagem*, Pessoa
16. *Utopia Brasil*, Darcy Ribeiro
17. *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha
18. *Índice das coisas mais notáveis*, Vieira
19. *A carteira de meu tio*, Macedo
20. *Elixir do pajé — poemas de humor, sátira e escatologia*, Bernardo Guimarães
21. *Eu*, Augusto dos Anjos
22. *Farsa de Inês Pereira*, Gil Vicente
23. *O cortiço*, Aluísio Azevedo
24. *O que eu vi, o que nós veremos*, Santos-Dumont
25. *Democracia*, Luiz Gama
26. *Liberdade*, Luiz Gama
27. *A escrava*, Maria Firmina dos Reis
28. *Contos e novelas*, Júlia Lopes de Almeida

«SÉRIE LARGEPOST»

1. *Dao De Jing*, Lao Zi
2. *Escritos sobre literatura*, Sigmund Freud
3. *O destino do erudito*, Fichte
4. *Diários de Adão e Eva*, Mark Twain
5. *Diário de um escritor (1873)*, Dostoiévski

«SÉRIE SEXO»

1. *A vénus das peles*, Sacher-Masoch
2. *O outro lado da moeda*, Oscar Wilde
3. *Poesia Vaginal*, Glauco Mattoso
4. *Perversão: a forma erótica do ódio*, Stoller
5. *A vénus de quinze anos*, [Swinburne]
6. *Explosão: romance da etnologia*, Hubert Fichte

COLEÇÃO «QUE HORAS SÃO?»

1. *Lulismo, carisma pop e cultura anticritica*, Tales Ab'Sáber

2. *Crédito à morte*, Anselm Jappe
3. *Universidade, cidade e cidadania*, Franklin Leopoldo e Silva
4. *O quarto poder: uma outra história*, Paulo Henrique Amorim
5. *Dilma Rousseff e o ódio político*, Tales Ab'Sáber
6. *Descobrindo o Islã no Brasil*, Karla Lima
7. *Michel Temer e o fascismo comum*, Tales Ab'Sáber
8. *Lugar de negro, lugar de branco?*, Douglas Rodrigues Barros
9. *Machismo, racismo, capitalismo identitário*, Pablo Polese
10. *A linguagem fascista*, Carlos Piovezani & Emílio Gentile
11. *A sociedade de controle*, J. Souza; R. Avelino; S. Amadeu (orgs.)
12. *Ativismo digital hoje*, R. Segurado; C. Penteado; S. Amadeu (orgs.)
13. *Desinformação e democracia*, Rosemary Segurado

COLEÇÃO «MUNDO INDÍGENA»

1. *A árvore dos cantos*, Pajés Parahiteri
2. *O surgimento dos pássaros*, Pajés Parahiteri
3. *O surgimento da noite*, Pajés Parahiteri
4. *Os comedores de terra*, Pajés Parahiteri
5. *A terra uma só*, Timóteo Verá Tupá Popyguá
6. *Os cantos do homem-sombra*, Mário Pies & Ponciano Socot
7. *A mulher que virou tatu*, Eliane Camargo
8. *Crônicas de caça e criação*, Uirá Garcia
9. *Círculos de coca e fumaça*, Danilo Paiva Ramos
10. *Nas redes guarani*, Valéria Macedo & Dominique Tilkin Gallois
11. *Os Aruaques*, Max Schmidt
12. *Cantos dos animais primordiais*, Ava Nomoandyja Atanásio Teixeira
13. *Não havia mais homens*, Luciana Storto

COLEÇÃO «ARTECRÍTICA»

1. *Dostoiévski e a dialética*, Flávio Ricardo Vassoler
2. *O renascimento do autor*, Caio Gagliardi
3. *O homem sem qualidades à espera de Godot*, Robson de Oliveira

COLEÇÃO «NARRATIVAS DA ESCRAVIDÃO»

1. *Incidentes da vida de uma escrava*, Harriet Jacobs

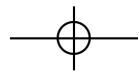
2. *Nascidos na escravidão: depoimentos norte-americanos*, WPA
3. *Narrativa de William W. Brown, escravo fugitivo*, William Wells Brown

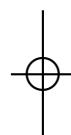
COLEÇÃO «WALTER BENJAMIN»

1. *O contador de histórias e outros textos*, Walter Benjamin
2. *Diário parisiense e outros escritos*, Walter Benjamin

COLEÇÃO «ANARC»

1. *Sobre anarquismo, sexo e casamento*, Emma Goldman





Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro na
gráfica Meta Brasil, na data de 10 de abril de 2022, em papel
pólen soft, composto em tipologia Minion Pro e Formular,
com diversos softwares livres, dentre eles Lua^{TEX}e git.
(v. 6c5353c)

